“Vaca, frio, Romário, PSV e Ronaldo, só sabia disso”: de quando um pesquisador calçou as chuteiras nos campos holandeses de *voetbal*

Luciano Jahnecka²⁵⁷

Abordagem teórico-metodológica-existencial:
alguns encontros e opções na pesquisa com o corpo

Mi experiencia como jugador de fútbol nunca fue del todo comprendida ni por los espectadores ni por mis compañeros de equipo. A mí siempre me pareció más interesante marcar un autogol que un gol. Un gol salvo si uno se llama Pelé o Didí o Garrincha, es algo eminentemente vulgar y muy descortés con el arquero contrario, a quien no conoces y que no te ha hecho nada, mientras que un autogol es un gesto de independencia. Aclaras ante tus compañeros y ante el público, que tu juego es otro. (Roberto Bolaño; Andrés Braithwaite, 2006, p.125)

O presente capítulo aborda minha inserção etnográfica a partir do futebol realizada durante a pesquisa doutoral com homens praticantes de futebol. Ao longo do texto, são problematizadas algumas reflexões realizadas a partir da interlocução com futebolistas profissionais e amadores, assim como com um conjunto de sujeitos com os quais mantive diálogo para

²⁵⁷ Doutor em Ciências Humanas, professor adjunto do Centro Universitario Regional Noreste, Universidad de la República, Uruguay, investigador da Agencia Nacional de Investigación e Innovación, Uruguay

pensar a inserção de futebolistas brasileiros homens em contextos locais e transnacionais em particular no contexto dos Países Baixos.

A discussão sugerida ao longo do capítulo refere-se à seguinte pergunta: como é possível pesquisar com e a partir do corpo? As reflexões realizadas partem das interlocuções estabelecidas durante a prática do futebol em campos holandeses. Esta prática realizou-se em uma associação esportiva dos Países Baixos durante sete meses, abarcava sessões de treinamento de aproximadamente noventa minutos, entre duas a três vezes por semana, e a realização de jogos em um campeonato “amador” um dia por semana.

Além disso, também me utilizo da interlocução estabelecida com futebolistas no Brasil, em Portugal e nos Países Baixos. Dentre as opções tomadas para a interlocução da pesquisa, considerou-se privilegiar a constituição daqueles futebolistas “infames”, mas que, ainda assim, se encontram em regimes privilegiados de visibilidade, acessados de tempos em tempos por flashes e por relações midiáticas de poder, como são as muitas horas de exposição midiática esportivas, em particular do futebol praticado por homens. Apesar de obedecerem a uma certa hierarquia em consonância com seu tempo pautada em discursos e instituições, a constituição desses futebolistas atua ao praticar esse “outro jogo”, eminentemente vulgar e cotidiano.

Embora meu jogo sempre tenha sido outro e tenha deixado evidente para muitos de meus companheiros durante os jogos dos quais participei, não segui a sugestão de fazer um “autogol” (ou “gol contra”, como é conhecido no Brasil) de Bolaño durante minha trajetória com o futebol. Meu outro-jogo também foi colocado em questão nas minhas participações frequentes nesse clube de futebol “amador” situado nos Países Baixos. Outro-jogo praticado, segundo as palavras de meu treinador, quando voluntariamente desisti do dia para atuar como goleiro. Ou, ainda, em outro momento, após perder um gol sem goleiro, coisa que nenhum brasileiro faria, ou, ainda, segundo meus companheiros, não falaria quando regressasse ao Brasil.

O “outro jogo” desses futebolistas nem por isso merece maior reconhecimento dentro do jogo constituído, organizado e administrado pela

Federação Internacional de Futebol (FIFA) e suas instituições filiadas. É interessado nessa condição de “menor visibilidade” que o capítulo relaciona a interlocução empírica no contexto dos futebóis, amador e profissional, e a pesquisa com o corpo em um contexto migratório nos Países Baixos. Dessa forma, são feitas algumas questões para direcionar as reflexões aqui realizadas: como se dá a constituição de alguns futebolistas em meio a uma carreira profissional? Como são utilizadas as imagens pelos próprios futebolistas, que, apesar de privilegiadas, produzem zonas de in/visibilidade? Qual a relação de alguns futebolistas com a fama?

No que se refere à forma pela qual os futebolistas adquirem, transformam e atualizam suas visibilidades, também estamos colocando sob análise quais são as invisibilidades. Em quais espaços e de que forma as (in)visibilidades são rerepresentadas. Logo, pensamos a partir daí a composição de um *futebol menor*, composto de singularidades por meio das quais poderíamos situar muitos futebolistas.

Construindo corpos entre iguais? Inserção empírica no contexto do futebol praticado por homens

Ao contrário de muitas experiências de exploração e discriminação profissional, os futebolistas, ao menos no Brasil, gozam de certa importância e visibilidade no cotidiano de milhões de pessoas (como discutido nos trabalhos de Carmen Rial, 2006, 2008, 2009 e 2016; Simoni Guedes *et al.*, 2006; Caroline Almeida; Mariane Pisani; Luciano Jahnecka, 2013; Mari Haugaa Engh; Sine Agergaard, 2013). Conhecidos popularmente como “jogadores de futebol”, mas aqui tratados como futebolistas, esses sujeitos tencionam o modo de exercício de uma profissão e a relação contemporânea com o trabalho ao exemplificar por meio de um modo de vida bastante singular o borrimento das fronteiras entre trabalho e lazer, jogo e esporte, profissão e *hobby*, prazer e obrigação.

Certamente as imagens da atuação destes constituíram parte importante de uma certa unidade relativa à identidade nacional e o pertencimento

a um Estado-nação. Principalmente ao fortalecer a construção de uma coe-rência a partir do momento no qual se passou a relacionar as vitórias do time representativo e administrado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (sugestivamente chamado de Seleção Brasileira) com um sentimento de pertencimento nacional e étnico, assim conformado pela moderna forma de controle territorial disposta pelos Estado-nação.

Entre tantas imagens produzidas e reconhecidas relativas aos futebolistas (amplamente mais difundidas, se comparadas às mulheres futebolistas), questionamos quais são as singularidades de algumas trajetórias em meio à condições afetivo-materiais, mais ou menos próximas, dessa prática “profissional”. De que maneira foi se constituindo um modo pelo qual certas trajetórias de vida foram sendo consideradas mais válidas que outras? Quais rupturas e consonâncias demarcam processos de subjetivação tão desiguais, mas ao mesmo tão próximos uns dos outros?

Nesse “jogo” político de análise de algumas constituições em meio a experiências, confrontamos tais questionamentos com um certo corpo teórico e empírico privilegiando:

1. O uso das interlocuções para construção do texto, constituídas por entrevistas semiestruturadas e “resenhas” (conversas informais) com futebolistas em clubes situados no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, em Portugal e Países Baixos. Essa opção foi composta por mais de oitenta sujeitos ao longo da pesquisa, em sua maior parte futebolistas “profissionais”, além de assessores e assessoras de imprensa, fisiologista e mulheres, esposas de futebolistas, sendo que, deste total, escolhi apenas treze futebolistas para manter relações de interlocução ao longo da pesquisa.

2. Diário de campo com os registros sobre a prática do futebol de quem subscreve em um clube das divisões amadoras situado nos Países Baixos.

No que se refere à constituição de um futebolista, esta é exercida mediante muitas horas de treinamento, como é possível pressupor e como alguns trabalhos demonstraram (Arlei Damo, 2005, 2009; Luiz Carlos Rigo; Daniel da Silva; Carmen Rial, 2018), sendo também feita pela incorporação de um *etos* futebolístico por meio da negociação com empresários, nas

sociabilidades masculinas em concentrações e vestiários, com códigos de masculinidade específica desses espaços, normas de conduta que inculcam maneiras de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Foi a partir da interlocução que percebemos como se adentra e modela o corpo e seus gestos, e de que isso não basta para descrever como um sujeito tem ou incorpora elementos para uma determinada “técnica corporal” (Marcel Mauss, 2003) formatada em meio a relações socioculturais.

Quanto às indicações metodológicas, utilizamos uma modificação significativa na maneira com que se conduz uma pesquisa acadêmica. Tomamos como indicativo aquilo que Lóic Wacquant (2002, p.13) sugere como uma relação metodológica “a partir do corpo” (*from the body*). Isso significou assumir condições a partir das quais um corpo (o meu em relação a outros e em relação a ele mesmo) estabeleceu relações e fora percebido durante o trabalho de campo em relação aos outros (interlocutores).

Ademais, a partir de alguns elementos etnográficos, como os citados, realizamos uma etnografia multissituada (George Marcus, 1995), por meio da qual acompanhamos as trajetórias de alguns futebolistas, assalariados ou não, em regime contratual ou não, utilizando algumas redes sociais e de contatos face a face de tempos em tempos.

Também me utilizei da “experiência” que tive por ter participado das atividades de um clube “amador” nos Países Baixos tendo como rotina treinamentos e jogos durante sete meses de um total de doze nos quais residi nos Países Baixos. Foi a partir do corpo que pude tomar contato com diferentes espaços e sujeitos que mantinham alguma relação com o futebol. Dentre estas: futebolistas e suas esposas, treinadores, praticantes (não assalariados) e pastores de uma igreja brasileira neopentecostal nos Países Baixos. Somada a isso, a inserção no contexto futebolístico local tem como antecedente minha trajetória pessoal com relação a prática do futebol imprescindível para uma inserção densa nas sessões de treinamento e na interpretação dos significados atribuídos ao futebol nos contextos estudados.

Procurei ao longo da interlocução assumir algumas condições corporais estabelecidas em meio a *relações* entre sujeitos. Ademais, busquei

evitar os resquícios de uma tradição científica positivista em que uma pretença neutralidade procura isolar a/o pesquisador/a das suas intervenções nas relações criadas a partir de sua inserção nos contextos empíricos e distinguir por meio da clássica oposição entre sujeito/objeto, e, mais que isso, como se “colocar em campo”, interpretar, analisar, fazer questionamentos, utilizar e transformar conceitos, e construir uma narrativa a partir da qual toma materialidade este texto.

Tomando em conta certos limites na interlocução, problematizo uma dimensão de corporalidade que parte de uma inserção empírica pautada por *relações* corporais. Assim, por vezes fui reconhecido como um jornalista nos primeiros contatos pela maneira através da qual estabeleci relações nos clubes inseridos no futebol “espetacularizado”. Principalmente ao recorrer ao registro das entrevistas com câmera e/ou gravador, em algumas situações por meio do contato institucional dos assessores de imprensa dos clubes e mesmo através da mediação feita por outros futebolistas, o modo como se deu os primeiros contatos com os interlocutores assemelhou-se aos registros midiáticos, como comentaram alguns interlocutores.

Tendo em consideração as muitas críticas feitas ao jornalismo esportivo feito de maneira superficial por parte desses interlocutores, entre elas a sazonalidade oportunista dos interesses, principalmente quando próximos de um acontecimento considerado importante envolvendo jogos com interesse massivo, esta não fora a melhor atribuição de significado para a interlocução. Mesmo porque nos “contatos” dos futebolistas com jornalistas existiam muitas relações de troca das quais não faziam parte nossos acordos. A mais imediata dentre elas, a publicização imagética de discursos, fotografias e/ou vídeos nos meios de comunicação.

Apesar da relativa familiaridade com muitos dispositivos tecnológicos, como câmeras, microfones e gravadores, em alguns casos, mesmo tendo em dúvida a possível utilização da entrevista para a pesquisa, quando a entrevista encerrava-se, iniciavam as “resenhas” (conversas informais), onde se tratava de uma conversa de corpos percebidos como iguais: homens, jovens, identificados pelo gênero e a cisgeneridade e de sexualidades

aparentemente hegemônicas. Isso significou, em certos momentos, a aproximação com temas pouco debatidos, ou omitidos durante uma entrevista, mesmo que esta tivesse um teor mais aberto de diálogo. Entre esses temas, podemos citar as relações extraconjugais, homosociabilidade e os contratos com empresários.

Nas relações mantidas com maior frequência e aproximação, em grande medida principalmente por esses elementos de aparente igualdade de identificação, mas também por escolhas metodológicas, ingressei naquilo que podemos denominar como o “espaço privado”. Nesses casos, fui avaliado como um par em potencial ao receber, por exemplo, um convite para participar de uma espécie de “jogo” com alguns boleiros. Convite este feito por um de meus interlocutores como uma forma de retribuir a importância dada à entrevista e do interesse de um “pesquisador”, ao mesmo tempo em que avaliava e comparava os “capitais corporais” (Wacquant, 2002) e futebolísticos dos demais futebolistas com o meu. Evidentemente, ao longo de um jogo entre boleiros, demonstrava-se o quão significativas são as diferenças entre a prática esporádica do futebol (no meu caso) e os treinamentos diários exercidos ao longo de anos por futebolistas.

A prática dos futebolistas, eminentemente corporal, é exercida quase diariamente em todos os casos com os quais mantive contato por meio de interlocutores em alguns “clubes locais” (Rial, 2008) situados no Rio Grande do Sul, Países Baixos e Portugal. Ao longo de uma semana de treinamento, na maior parte dos casos, apenas um dia é reservado à inatividade. Em parte, para atender às demandas trabalhistas de legislação a partir da Lei Pelé (Brasil, 1998), mas também para cumprir funções eminentemente simbólicas sobre o descanso.

Em muitos outros casos, essa fabricação corporal se dá em dois turnos de trabalho. Nessa comparação, a noção de “capital corporal” elaborada por Wacquant (2002, p.119), e especificamente de “capital futebolístico” (Damo, 2005), demonstram o quão significativo é o processo de transformação e a incorporação de gestos úteis a determinadas práticas. Assim, de modo a passar por uma formatação que se dá também, mas não

só exclusivamente pelo corpo, os futebolistas com quem mantive contato assinalavam as distâncias ante os capitais corporais e futebolísticos daqueles praticantes esporádicos ou sazonais, como era o meu caso.

Essa forma de troca, retribuição e comparação estava confrontada com os capitais corporais (futebolísticos) e sociais exercidos por futebolistas e um “pesquisador”. Ao mesmo tempo em que fora percebido como alguém *com* estudos vinculado a uma instituição tão seletiva e restrita como é vista a universidade, o capital social de um “jornalista” e/ou “pesquisador” poderia fazer funcionar a “circulação” de imagens, e, quem sabe, de pessoas, por meio dos contatos institucionais que estabeleci com clubes situados nos Países Baixos. Com este exemplo, chamo a atenção para as condições distintas que clubes situados em Portugal oferecem profissionalmente, se comparadas ao imaginário de solidez e desenvolvimento econômico com os quais os clubes situados nos Países Baixos são percebidos. Como comentou um dos futebolistas em Portugal após minha solicitação de seu material em vídeo, “Vá que dê alguma coisa”, referindo-se à possibilidade de ser visto por “alguém” nos Países Baixos.

Esse modo de relacionar-se com os “capitais”, sejam eles corporais e/ou sociais, apresenta-se como uma das leituras possíveis para entender a rede de conexões estabelecidas entre os futebolistas com os demais sujeitos que circulam nos espaços diários dos clubes. Os capitais sociais e corporais também são disputados internamente nos clubes. Em minha curta permanência em um dos clubes do Rio Grande do Sul, presenciei as disputas entre um saber empírico, exercido pela incorporação desse *etos* e de um capital corporal por futebolistas aposentados que no momento ocupavam cargos de comissão técnica, e um saber científico e acadêmico daqueles profissionais com formação universitária e “pouca experiência” no futebol “profissional”.

Antigas disputas entre “teoria” e “prática” permeiam as relações de trabalho no futebol. Esta dimensão de distanciamento também foi assimilada pelo que minha presença aparentemente representava naquele espaço, uma vez que, utilizando de meu capital cultural, fui solicitado a utilizá-lo para esboçar um diálogo em forma de “brincadeira” com um dos

integrantes da comissão técnica. Esta consistiu em esboçar um diálogo em inglês, mesmo que meu interlocutor não compreendesse minhas questões. A partir daí, fui visto como alguém com *estudos* e detentor de um capital cultural exercido pela linguagem e pelo conhecimento, assim como reconhecido como um “par” por um fisiologista com formação universitária e com conhecimentos teórico-práticos de um especialista. O que significou também o distanciamento daqueles futebolistas mais intimidados com a educação formal em um contexto em que grande parte não havia concluído o nível secundário na educação formal.

Foi também por meio da percepção de minha corporalidade em uma relação de interlocução (principalmente por alguns elementos de gênero e geracionais) que fui convidado em dois momentos a frequentar os espaços nos quais as práticas e sociabilidades são exercidas “fora do campo” e dos treinamentos. Assim, fiquei hospedado na casa de um dos interlocutores em Portugal. O que diferiu potencialmente da experiência de participar da sociabilidade feita na moradia dos futebolistas no estádio de um clube na qual estava um interlocutor no Rio Grande do Sul, em uma espécie de regime de confinamento. Alguns elementos identificam e demarcam uma corporalidade que tornou possível a inserção nesses espaços fortemente marcados por uma sociabilidade masculina hegemônica assentada em uma norma heterossexual e cisgênero.

Essa espécie de diálogo sem a necessidade de colocar os discursos para o sujeito, ou, ainda, dos muitos discursos que são pré-discursivos ou que antecedem os sujeitos, de certa forma me colocou em posições talvez inacessível a outras corporalidades. Por outro lado, delimitou minhas interlocuções com as mulheres, esposas de alguns futebolistas, pois estas foram todas as vezes intermediadas por estes últimos.

Em Rotterdam, por exemplo, cidade situada nos Países Baixos, apesar de minhas inúmeras insistências, não obtive qualquer consentimento para poder entrevistar ou tomar contato com Sandra — a brasileira responsável por receber e administrar a casa oferecida por um “clube profissional” aos jovens futebolistas contratados conforme a interlocução realizada com outro

de meus interlocutores que tinha conhecimento sobre sua existência. Além da questão de gênero e geracional (pois ela tinha por volta de 50 anos), a identificação de “um pesquisador” também dificultou qualquer tipo de diálogo com Sandra, conforme comentou o interlocutor responsável por colocar-nos em contato. Em um primeiro momento, fui solicitado a contactá-la novamente após uma viagem que faria ao Brasil. Após esse período, não obtive qualquer consentimento para manter uma conversa pessoalmente.

No caso da tentativa dessa interlocução, não identifiquei quais eram os vínculos de Sandra com o clube, mas o que possivelmente fez com que uma brasileira fosse a responsável por administrar a casa mantida pelo clube foi a quantidade de jovens brasileiros contratados pelo clube. Entre 1995 e 2008, foram 12 brasileiros contratados pelo clube. Destes, 10 foram para o primeiro clube europeu de suas carreiras, e no momento de sua contratação tinham entre 18 e 21 anos, com exceção de uma “contratação” feita aos 12 anos de idade.

Além dessa relação de interlocução que se estabelece a partir de elementos discursivos estruturados (gênero, geração, sexualidade, entre outros), aqui também é válido lembrar as condições de muitos “migrantes” constantemente confrontados com políticas migratórias restritivas à sua permanência no “contexto europeu”. Esta última é outra hipótese para estabelecer algum tipo de interlocução com Sandra, pois, em outros contatos que mantive nos Países Baixos com brasileiras, foi possível identificar os tensionamentos quanto às questões de legalidade e ilegalidade, formas de permanência no país e remuneração do trabalho informal.

Já no contexto das interlocuções, de um total de nove futebolistas brasileiros com os quais tomei contato nos Países Baixos, todos afirmaram um trânsito repentino para o país, sendo que da proposta feita pelo clube/empresário até sua contratação e consequente regulação quanto a sua permanência no país eram transcorridos não mais do que vinte dias. Apesar de não poder mencionar os casos em que a transferência não foi concretizada, a decisão sobre a migração dos interlocutores aos clubes situados nos Países Baixos não tomava demasiada atenção sobre as condições legais de ingresso

e permanência como em outros casos sob o rótulo geral de “migrantes”. Portanto, uma condição de ingresso amplamente facilitada e realizada pelos clubes e/ou empresários.

Por outro lado, minha condição étnico-racial em um contexto migratório também tornou próxima a relação com os futebolistas brasileiros nos Países Baixos, onde pude participar de cultos e “estudos bíblicos” de tradição cristã organizados e frequentados por brasileiros. Em dois contextos distintos marcados pelo momento de ingresso no país, um grupo de futebolistas participava dos cultos institucionalizados de uma igreja neopentecostal, enquanto outro intitulava essa forma de reunião de “estudos bíblicos”. Também divergiam os locais de realização dos encontros. Enquanto este último realizava-se apenas na casa dos futebolistas, circunscrito à participação de futebolistas e seus familiares, o primeiro aconteceu também nos espaços mais íntimos, como nas casas de futebolistas, todavia, de maneira institucional, em salas de conferências de hotéis com um público não restrito aos futebolistas, apesar de muitas relações se darem a partir do futebol, assemelhando-se à discussão proposta por Carmen Rial (2012) na qual os futebolistas são os “novos missionários” da diáspora neopentecostal.

Conforme é possível perceber, nossos contatos foram fortemente marcados por questões de representação e identificação através do corpo, corroborando com as questões de pertencimento étnico abordadas em Luiz Carlos Rigo e Conrad Torrano (2013). Além disso, estava em disputa uma concepção pouco acabada de jeito, modo ou de uma ética corporal, como lidamos com o corpo e das relações que este estabelece com aquilo que o cerca. Essa marca de uma corporificação dos sujeitos está cercada de elementos culturais que se leem e que se veem, todavia, permanentemente cheia de fraturas.

Assim, a corporalidade por meio das imagens mediadas e produzidas dentro de um contexto (midiático, portanto social) que privilegia uma narrativa mais ou menos unânime daquilo que seria um “ser jogador de futebol” se encontra demasiadamente pautada pelas continuidades de um sujeito, mais do que por suas rupturas. Pensar e problematizar as narrativas

concernentes aos futebolistas interlocutores significa colocar em questão esses modos de se ver e de se ler.

Digamos então que a antropologia se distinga dos outros discursos sobre a socialidade humana não por dispor de uma doutrina particularmente sólida sobre a natureza das relações sociais, mas, ao contrário, por ter apenas uma vaga ideia inicial do que seja uma relação. Pois seu problema característico consiste menos em determinar quais são as relações sociais que constituem seu objeto, e muito mais em se perguntar o que seu objeto constitui como relação social, o que é uma relação social nos termos de seu objeto, ou melhor, nos termos formuláveis pela relação (social, naturalmente, e constitutiva) entre o “antropólogo” e o “nativo”. (Eduardo Viveiros de Castro, 2002, p. 122).

Diante dessas relações, colocamos sob análise as noções de “circulação” (Rial, 2008), “carreira” e “status” (Everett Hugues, 1993), “projetos de vida” (Gilberto Velho, 1999), e conferindo especial atenção aos processos migratórios de futebolistas e suas famílias. Concomitantemente a processos de individuação dos futebolistas, em que se transformam singularidades por meio de condições existenciais e de constituição em meio à experiências, também ocorrem processos coletivo-individualistas, pois é por meio de um “projeto” a partir e em torno de um núcleo familiar, seja em suas relações de parentesco ou na formação de seus próprios núcleos familiares.

Como exemplo dessa articulação entre projetos e singularidades, cito a recusa de um dos interlocutores cristãos em transferir-se para um território simbolicamente perigoso, pois se tratava de um clube situado em Israel, sob a justificativa da existência de “muita bomba e guerra”. Pouco tempo depois, esse mesmo interlocutor decide “regressar” ao Brasil, tendo como opção oferecer aquilo que considerava “melhores” condições de nascimento ao seu segundo filho. Na primeira gravidez de sua esposa, segundo seu relato, o tratamento pelo sistema de saúde oferecido nos Países Baixos não correspondeu às expectativas familiares, em particular o tratamento oferecido à esposa.

Durante os contatos que fui estabelecendo para a interlocução, privilegiei a heterogeneidade das trajetórias pessoais de cada jogador. Com exceção do futebolista Gafana, oriundo de Guiné (Conacri), todos os demais eram brasileiros. Essa opção levou em consideração seus vínculos com muitos brasileiros, uma espécie de *Doc* em meu trabalho de campo, uma vez que em Portugal são muitos os clubes que mantêm contratos periódicos com estes últimos (William Foote-Whyte, 1980).

Quanto à forma com que se deram as interlocuções, os usos dos capitais sociais, culturais, futebolísticos e corporais me permitiram aceder às moradias de parte dos futebolistas (no Brasil, em Portugal, assim como nos Países Baixos), frequentar esporadicamente suas casas e mesmo poder acessar a residência no estádio de um dos clubes situados no Rio Grande do Sul. Igualmente, fui convidado a participar de cultos cristãos organizados por futebolistas nos Países Baixos, em suas casas e em lugares públicos destinados às cerimônias religiosas. Em todos os casos, os convites para participação nesses espaços foram mediados necessariamente logo após a realização de entrevistas elaboradas para a realização do estudo. Estas últimas aconteceram, de modo geral, em lugares “públicos” frequentados pelos futebolistas (entre esses espaços se encontram bares, restaurantes, lancherias, cafeterias e os estádios dos clubes com que os futebolistas mantinham contrato).

Pés de obra e circulação de futebolistas brasileiros nos Países Baixos

– Você vai para o estádio?

Respondo que sim. Imediatamente ele complementou com um gesto atencioso:

– Sobe no ônibus, pois existe um ponto mais próximo.

Estabelecendo assim uma relação mais próxima do que a prestação de serviço entre motorista e passageiro. E prosseguiu:

– Então você é alemão?

Neste momento esbocei um sorriso ao lembrar que estava carregando uma bolsa do St. Pauli. Respondendo por minha vez:

- Não, eu sou brasileiro.

O condutor continuou com seu interesse amigável:

- Então você é o novo Romário?

Em seguida sorriu e sinalizou o ponto em que devia sair do ônibus. Entrei na sua brincadeira e repliquei:

- Não, infelizmente. (Somado a um sorriso).

E completei:

- Não sou jogador. Vim para encontrar outro brasileiro. Este sim pode ser o novo Romário, basta fazer muitos gols.

Gargalhamos juntos e despedimo-nos. Do parco vocabulário que havia aprendido do “dutch” agradei com uma pronúncia carregada:

- *Dank u wel.*

- *Alstublieft.*

Ao contrário da lógica de minha comparação, Fábio atua na posição de zagueiro. Mesmo somando os gols marcados durante os 8 anos nos 3 clubes pelos quais passou nos Países Baixos seria difícil atingir o número de gols de uma temporada do Romário. Este último, atacante ‘enamorado’ pelo risco da pequena área adversária, foi artilheiro da Eredivisie em 3 temporadas. Como se esta comparação fosse possível mesmo com outros atacantes em determinado momento. (Trecho do diário de campo, outubro de 2013).

Em que pese as questões de gênero e geracionais, o diálogo que tive com um homem condutor de ônibus destaca as referências étnicas que estão associadas a uma essência da brasilidade e do ser brasileiro, ou como conceituou Igor Machado (2009), o núcleo central de uma identidade como sendo a identidade-para-o-mercado. Por volta de seus 60 anos, o breve diálogo colocou em circulação uma identidade étnica fortemente presente no campo esportivo. Essa reativação identitária se deu vinte anos após a “passagem” de Romário pelo PSV (clube situado na cidade de Eindhoven),

em uma direção diametralmente oposta da região do país na qual nos encontrávamos, a cidade de Groningen.

Sob os anseios da busca por uma identidade a partir de práticas mais ou menos comuns (o que podemos chamar a grosso modo de “culturais”), existe uma retomada constante feita a partir de elementos étnicos que atuam para agrupar de forma quase homogênea um grupo de sujeitos em um determinado lugar. Assim, a inclusão de sujeitos em uma categoria, neste ponto étnica, pauta-se a partir de um núcleo comum e central. Nossa rejeição em reificar esse conjunto de práticas “culturais” sob o signo “grupos étnicos”, como poderiam ser colocados “os brasileiros”, se dá pela distintas condições pelas quais os sujeitos lidam com certas práticas, conforme destacou Machado (*Op.cit.*, p. 62).

Em meu caso, durante o período de trabalho de campo nos Países Baixos, observei a presença imagética do referido futebolista em inúmeros programas esportivos transmitidos por diversas mídias televisivas nos Países Baixos. Assim, Romário era tratado como um sinônimo de futebolista brasileiro, e as comparações feitas se davam em torno do seu impactante desempenho esportivo relativo ao número de gols feitos durante sua permanência entre os anos 1988 a 1993, por volta de 160. Para além do campo esportivo, o que o trecho destacado pelo diário de campo evidencia é a ampliação do uso de uma identidade étnica por meio de uma personagem com recorrente visibilidade midiática e de uma corporalidade próxima dessa personagem, nesse caso, a minha como potencialmente próxima de um futebolista.

Romário se estabelece nos Países Baixos como uma personagem paradigmática para a transferência de futebolistas brasileiros, especialmente para o país. Sobre tal identificação étnica, Romário tornou-se o quarto futebolista brasileiro a ser registrado nas competições nacionais dos Países Baixos desde 1954, ano no qual iniciou o regime “profissional” no país.

Além dos cinco anos que Romário esteve no país com amplo reconhecimento midiático e nacional, em última instância como um futebolista brasileiro, alguns outros elementos auxiliam na interpretação do fornecimento

e das escolhas para a “circulação” de alguns “pés de obra”, em detrimento de outros tantos. Como, por exemplo, a vitória na Copa do Mundo pelo time selecionado pela CBF em 1994. Imediatamente após a conclusão desta, Ronaldo, um dos futebolistas do time, é contratado pelo mesmo clube no qual Romário havia atuado nos Países Baixos, o PSV. Em sua passagem, Ronaldo torna-se artilheiro do campeonato da Eredivisie (na tradução literal, “Divisão de Honra”) dos Países Baixos na temporada de 1994/1995, permanecendo até o final da temporada de 1995/1996. Uma associação elaborada entre vitórias do selecionado nacional e etnicidade.

Se por um lado a visibilidade no campo futebolístico favoreceu a “abertura” de um mercado para certos futebolistas, neste caso rotulados a partir de uma certa identidade étnica, por outro, a trajetória de “sucesso” em ambos os casos conferiu também visibilidade para que outros futebolistas conhecessem os clubes situados nos Países Baixos; em última instância, projetaram o mercado “europeu”. A partir de então, existe um aumento exponencial na contratação de futebolistas brasileiros, culminando com a temporada de 2007/2008, período no qual houve o maior registro de brasileiros nas duas divisões “profissionais” dos Países Baixos (*Eredivisie* e *Eerstedivisie*), 24 no total.

Com uma permanência média superior a 2 anos, dos 81 futebolistas, 23 destes ficaram por um período menor ou de até uma temporada (11 meses) nos clubes situados nos Países Baixos. Dentre aqueles 58 registrados em pelos menos 2 temporadas, a permanência média é de 41 meses, com alguns casos de longa duração, como os 168 meses (14 anos) de Brian e os 144 meses (12 anos) de Maurício, sendo que ambos residiam no país no momento de realização da pesquisa. Se as justificativas para a permanência podem ser múltiplas, as escolhas para ingressar no país são comumente referidas pela visibilidade conferida aos futebolistas que já haviam atuado no país. Além dessas referências, Maurício (2013) definiu assim o conhecimento prévio à sua entrada nos Países Baixos: “Vaca, frio, Romário, PSV e Ronaldo. Só sabia disso. [...] Também a impressão que eu tinha é que: ‘Eu vou para um time da Europa’” (Maurício, entrevista, junho 2013).

Sendo assim, ao considerar as distintas condições de acesso ao referido “sonho” de atuar em um clube “europeu”, equiparamos as escolhas metodológicas à maneira dialógica pelas quais “brasileiros” disputam a construção de identidades na cidade do Porto em Portugal. Machado (*Op.cit.*) contrapõe o discurso unívoco do apelo a uma identidade étnica e recusa-se a evocar o uso de “grupos étnicos”, não somente pelas distinções jurídico-legais que dicotomizam as condições de vida entre “migrantes” legais e ilegais, mas também pela multiplicação de significados produzidos a partir dos processos migratórios de brasileiros/as.

No que se refere aos futebolistas, nem mesmo podemos colocar sob as mesmas condições de “circulação”, pois, como se sabe, os jogadores-celebridade têm uma rede extensa que faz com que a possibilidade de migração em muitos casos de “jogar na Europa” (como o *entourage* citado por Damo, *op.cit.*) concretize-se. Esta vai desde a presença de membros da família nuclear até empresários que gerenciam suas transferências. Nessa disputa por um núcleo comum de significados, a qual poderíamos nomear como identidade, os discursos que se propagam a partir de elementos étnicos esforçam-se em produzir algumas similitudes.

Desdobrados diante dessa aparente assimilação, mais do que latino-americanos, os futebolistas “brasileiros” utilizam-se da sua suposta “brasilidade” para destacar-se e/ou inserir-se em diversos mercados de trabalho.

Considerações finais: usos da imagem e o contexto histórico de reconhecimento de futebolistas

Durante o trabalho de campo no contexto estudado, posso considerar que meu jogo foi *outro* quando fui convidado a ingressar na concentração de um clube “profissional” no interior do Rio Grande do Sul e fui constantemente colocado em posições que eram quase minhas: jornalista, doutor, professor, acadêmico. Ainda assumindo jogar um outro jogo, fui convidado por futebolistas a participar de estudos bíblicos e cultos evangélicos durante

minha estadia nos Países Baixos, além de ficar hospedado na casa de um jogador no interior de Portugal depois de tê-lo conhecido em um hostel na cidade do Porto por meio de uma condição eminentemente corporal.

Por outro lado, para o contexto estudado, a exposição midiática articulada com um capitalismo global produz formas de reconhecimento e retribuição daquilo que os futebolistas autoreferem-se como um “dom” adquirido e/ou exercido. Na literatura antropológica podemos encontrar a contrapartida dessa visibilidade sempre exercida localmente, por exemplo, por meio dos conhecidos “projetos sociais” administrados ou que utilizam a visibilidade de futebolistas (Guedes *et al.*, 2006; Damo, 2005; Carlos Henrique Ribeiro, 2008; SOUZA *et al.*, 2008).

Esse exemplo de uma dimensão local articulada ao contexto global midiático a partir da imagem construída de alguns futebolistas redefine algumas relações amplamente individualistas, transformando o que consideram como uma retribuição. Em outros termos, sem qualquer tipo de obrigação moral, mas que recai principalmente sobre aqueles futebolistas mais “consagrados”, portanto, de maior visibilidade, e oriundos de camadas populares, exerce-se aquilo que a partir da antropologia maussiana nomeou-se como um *contradom*. Assim, a fórmula maussiana da dádiva composta pelo dar, receber e retribuir é reatualizada por meio do aproveitamento das imagens dos futebolistas, a compensação econômica e o reconhecimento social, e sua posterior inserção em “projetos sociais”. Estas últimas, em muitos casos, são as mais prováveis formas de reconversão profissional após o término de uma carreira.

Com relação ao anterior, também foi possível evidenciar por meio do trabalho etnográfico a categoria que Rial (2016) utilizou para referir-se à presença e ao reconhecimento étnico brasileiro, a categoria de “Kaká-noir” (tradução literal: “Kaká-negro”). Essa é uma menção de um de seus interlocutores ao futebolista Kaká, uma espécie de aura da brasilidade e presença étnica quanto às possibilidades de reconhecimento e inserção de futuros futebolistas brasileiros em determinados contextos (ou mercados)

nacionais, como pude evidenciar por minha (auto)identificação de “brasileiro” no contexto dos Países Baixos.

Ainda assim, contemporaneamente, a prática profissional do futebol feita por homens ainda pode ser lida como uma forma de “ascensão social” e pela busca daquilo que os futebolistas consideram melhores condições de vida. Sobretudo, realiza o entrelaçamento de fluxos desejan-tes com fluxos monetários. Além dessa referência ao entrelaçamento entre condições materiais dispostas em classes sociais e de como esta está articulada com a composição étnico-racial, os investimentos para tornarem-se futebolistas se dão por uma disputa subjetiva marcada por “sonhos” mediada pelas imagens propagadas globalmente de futebolistas famosos ou célebres, sustentados por “apostas” sumamente familiares na concretização profissional e de “promessas” de um futuro ainda por vir.

Além dessas, outras implicações menos visíveis, embora demasiadamente perceptíveis, dizem respeito à constituição de práticas aceitas nos espaços de performance por meio do futebol, sejam elas exercidas no estádio ou não, como as várias maneiras de discriminação étnico-racial, de gênero, geracional, sexual e relativas à classe social. Tais discursos e práticas performativas foram constituídas ao longo do tempo especialmente por divisões binaristas presentes no contexto futebolístico (eu/outro, nós/eles, homem/mulher, macho/fêmea, velho/jovem, macho/bicha, preto/branco, rico/pobre etc.), sobretudo por meio da percepção dos corpos, e auxiliam a fomentar ordinariamente o reconhecimento social daqueles grupos que mantiveram/mantêm privilégios ao atuar através de processos de subjetivação para fabricar uma certa coerência da organização social por meio do “primado da identidade” (Suely Rolnik, 1997).

Nessa maneira de se relacionar com certas identidades toleradas em um contexto explicitamente discriminatório, as práticas (entre elas as discursivas) dos futebolistas são acompanhadas (ou *seguidas*, na linguagem das mídias contemporâneas) por milhões que compartilham afetos mediados a partir de unidades de filiação sentimental estabelecidas pelo “pertencimento clubístico” (Damo, *op.cit.*). Tal visibilidade encontra-se

potencialmente ampliada pelas mídias, especialmente as televisivas, engendrando modos de ver e de ler ao conferir certos lugares e posições a serem ocupadas por certos sujeitos e muito distante do contexto do futebol praticado por mulheres (Caroline de Almeida 2013; Rial, 2013; Mariane Pisaní, 2013; Sine Agegaard; Nina Tiesler, 2014).

Apesar de tal exposição poder ser lida por meio de uma composição de elementos estruturais e estruturantes, como a hierarquia que qualifica clubes grandes ou pequenos, ou, ainda, famosos e infames futebolistas, estes não determinam *a priori* como se dá a rede de relações entre os futebolistas e outros sujeitos, como empresários, esposas, jornalistas, médicos etc., e sua relação com a exposição midiática. Todavia, os futebolistas e praticantes de futebol lidam permanentemente com as formas de representação dos heróis (muito mais do que heroínas), as quais demarcam quais as visibilidades (e as invisibilidades) são conferidas ao gênero, à sexualidade, à racialização, à geracionalidade e à etnicidade no “sistema futebolístico” (Rial, *op.cit.*) sendo realizadas por meio dos corpos.

Somado à presença corporal, reunimos ao longo da pesquisa uma quantidade significativa de materiais imagéticos, entre estes, vídeos disponíveis em rede, reportagens de jornais locais, notas divulgadas pela imprensa dos clubes através de sítios em rede, pois também faziam parte do capital corporal dos futebolistas em questão. Durante o período nos Países Baixos, foi também a partir de ferramentas metodológicas que concernem ao reconhecimento e autorreconhecimento a partir de um corpo (neste caso, o corpo como ferramenta investigativa) onde fui convidado a ingressar em um regime de práticas corporais marcadas pelo reconhecimento social de um corpo, meu corpo em relação às demais, nossos corpos.

Apesar de minha participação no “futebol amador” constituir-se como uma estratégia para perceber algumas disputas étnico-raciais e a inserção de um “outro” em um contexto migratório, esta não diz respeito ao modo pelo qual futebolistas brasileiros “circulam” nos “clubes de futebol europeu”, afinal, mesmo que a experiência em um clube “amador” tente reproduzir várias práticas dos clubes “profissionais”, incluídas aí as

compensações econômicas, tantas outras divergem, como a atuação de empresários, a publicização midiática e uma mobilização massiva de pessoas para além das relações de parentalidade.

Esta possibilidade “relacional” por meio do corpo com a prática do futebol, mais atenta aos efeitos que ela produz do que os sentidos que lhe são atribuídos, diz respeito a um modo pelo qual os sujeitos significam suas práticas, como as colocam em funcionamento e a partir de quais condições. Nesse sentido, o corpo e as experiências corporais anteriores à realização da pesquisa contribuíram significativamente para a inserção e para a identificação dos limites e das potencialidades no contexto social e esportivo em questão.

Referências

AGEGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara (Orgs.). *Women, Soccer and Transnational Migration*. London: Routledge, 2014.

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, SC, Brasil, 2013.

ALMEIDA, Caroline Soares de; PISANI, Mariane da Silva; JAHNECKA, Luciano. De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres. *Espaço Plural*, n. 29, p. 170-192, 2. Sem., 2013.

ARAÚJO, Sandra Gil. Fútbol y migraciones: La Sentencia Bosman en el proceso de construcción de la Europa comunitaria (crónicas desde España). *Migraciones Internacionales*, v. 1, n. 3, p. 55-78, jul./dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S166589062002000200003. Acesso em: 3 mar. 2022.

BRASIL. *Lei n. 9.615, de 24 março 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, p. 01, 25 de março de 2003.

BOLAÑO, Roberto; BRAITHWAITE, Andrés. *Bolaño por sí mismo (entrevistas escogidas)*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, Brasil, 2005.

DAMO, Arlei Sander. The training of football players. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2009.

ENGH, Mari Haugaa; AGERGAARD, Sine. Producing Mobility through Locality and Visibility: Developing a Transnational Perspective on Sports Labour Migration. *International Review for the Sociology of Sport*, p. 1-19 Published online, 18 de novembro de 2013. Disponível em: <http://irs.sagepub.com/content/early/2013/11/07/1012690213509994>

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. Trad. Claudia Menezes. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980. p. 77-86.

GUEDES, Simoni Lahud; DAVIES, Júlio D'Angelo; RODRIGUES, Michelle Antunes; SANTOS, Rafael Medeiros. Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. In: Encontro Regional de História, XII. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2006, p. 1-10.

HUGHES, Everett. *The Sociological Eye. Selected Papers*. New Brunswick: Transaction Edition, 1993.

JAHNECKA, Luciano. *Regimes de visibilidade: a constituição de futebolistas em um futebol menor*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil, 2018.

MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 95-117, 1995.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 399-422.

PISANI, Mariane da Silva. *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, 2013.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém... *Antropologia em Primeira Mão*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 87, 2006.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIAL, Carmen. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 109, p. 1-24, 2009.

RIAL, Carmen. Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. *Vibrant*, 2012, v. 9, n. 2. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412012000200005>

RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 248, p. 114-126, nov./dez., 2013.

RIAL, Carmen. From Black Kaká to Gentrification: The new mobilities of expatriate brazilian football players. In: GLEDHILL, John (Ed.). *World Anthropologies in Practice: Situated perspectives*, Global Knowledge. London: Bloomsbury, 2016, p. 77-91.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. When success becomes a collective asset: social projects of former Brazilian soccer players. *Soccer & society*, London, v.9, n. 4, p. 491-496, 2008.

RIGO, Luiz Carlos; TORRANO, Conrad Vilanou. Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 191-210, jul.-set., 2013.

RIGO, Luiz Carlos; da SILVA, Daniel Vidinha; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 263-274, jan.-mar., 2018.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)*. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil, 2007.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de *et al.* Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, jul.-dez, 2008.

SOUZA, Priscilla Andreata Rosa de. *A Prata da Casa: a mercadoria força de trabalho jogador de futebol no Brasil pós Lei Pelé*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Salvador, BA, Brasil, 2008.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Maná*, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Sobre autoras e autores: